



ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A CULTURA DA INFÂNCIA EM WALTER BENJAMIN

Álvaro da Cruz Picanço Junior*
Janaína da Silva Gonçalves Fernandes**
Matheus Henrique Pinheiro Ribeiro***

Resumo: O presente ensaio é fruto dos estudos realizados no curso "Walter Benjamin – Experiência, Mediação pelas Novas Tecnologias e Surgimento do Novo", ministrado pelo Prof. Dr. Bernd Fichtner, da Universidade de Siegen (Alemanha), e organizado pelo Gepeps da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Os autores se concentraram na abordagem e na percepção de Walter Benjamin sobre a "cultura da criança", ante a "cultura do adulto", como um caminho para se pensar sobre um processo educacional mais humanizado e mais focado na observação da criança. Foi possível apreender a busca de Walter Benjamin para adentrar o universo da criança, e, para tal, o autor nos convida a sair da posição de detentores de um saber teorizado e acompanhá-la nas suas explorações.

Palavras-chave: Cultura da infância. Walter Benjamin. Psicologia social. Formação de educadores. Mediação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o desdobramento de uma atividade realizada durante o curso "Walter Benjamin – Experiência, Mediação pelas Novas Tecnologias e Surgimento do Novo", ministrado pelo Prof. Dr. Bernd Fichtner, da Universidade de Siegen (Alemanha), e organizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa de Pedagogia Social (Gepeps), do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC), do Centro de Educação, Filosofia e Teologia (Ceft) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

O curso, além de possibilitar um aprofundamento teórico acerca da obra de Walter Benjamin, foi estruturado de uma forma tal que permitiu um intenso debate entre os participantes, oriundos de diversas áreas do conhecimento, como educação, psicologia, teologia, direito,

* Doutor em Psicologia Educacional, coordenador do curso de Pedagogia da Faculdade Piaget, em Suzano. *E-mail:* alvarojunior@facpaget.com.br

** Doutora em Psicologia Educacional, docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Ibirapuera (Unib). *E-mail:* janainagoncalves80@yahoo.com.br

*** Mestre em Educação, Arte e História da Cultura. Universidade Presbiteriana Mackenzie. *E-mail:* matheusribeiro83@hotmail.com

arte, sociologia, semiótica, filosofia e administração, que proporcionaram debates muito ricos, já que os participantes procuravam contextualizar a obra de Benjamin dentro de seu campo de trabalho e de estudo, permitindo um olhar multidisciplinar acerca da obra desse autor.

Nesse contexto, foi solicitado aos participantes, como atividade final, a formação de grupos. Cada grupo deveria escolher, dentro da vasta obra de Benjamin, uma das temáticas abordadas ao longo do curso e desenvolver um estudo mais aprofundado, para que fosse apresentado para os demais participantes em uma exposição oral. Dentro dessa proposta, nosso grupo se concentrou na abordagem e na percepção de Walter Benjamin sobre a "cultura da criança", ante a "cultura do adulto", como um caminho para se pensar sobre um processo educacional mais humanizado e mais focado na observação da criança, a partir do estudo de alguns dos textos produzidos por esse autor, presentes nas coletâneas: *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (2011) e *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (1987).

A escolha dessa temática partiu da trajetória profissional e acadêmica dos integrantes, na crença de que essas obras fornecem elementos para uma análise mais aprofundada acerca do embate entre duas forças antagônicas presentes em nossos dias: a emancipação do ser e seu processo de humanização por meio de uma educação que permita o acesso a um patrimônio cultural que contribua com seu pleno desenvolvimento, por um lado, e o processo de fragmentação do conhecimento na educação de massa, por outro.

Nessa perspectiva, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, foram levantados inicialmente alguns aspectos da obra de Benjamin ao abordar a infância como um elemento significativo da trajetória desse autor e na constituição de seus pensamentos filosóficos, para então aprofundarmos um pouco mais esse debate, a partir do texto de Walter Benjamin (2011), "Programa de um teatro infantil proletário", na busca de subsídios para pensar uma educação que desse maior atenção à experiência da criança, na sua maneira própria de perceber o mundo circundante e de se relacionar com ele.

UM OLHAR SOBRE A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA DE WALTER BENJAMIN

Ao longo do século XX, tivemos um crescente esforço em diversos campos do saber, na busca de um conhecimento mais aprofundado da criança, de forma que inúmeros trabalhos desenvolvidos nas áreas da educação, psicologia, sociologia, história e filosofia influenciaram significativamente o conceito de infância e a nossa maneira de conhecer e assistir as populações infantis nos dias atuais (FERREIRA, 2015; FICHTNER, 2010; KRAMER, 2000; SANCHES, 2017).

Nesse contexto, Ferreira (2015) e Sanches (2017) ressaltam que nosso conhecimento acerca da criança na atualidade é fruto da conjuntura histórica a partir da modernidade.

Para esses autores, a obra do historiador Philippe Ariès (1978), *História social da criança e da família*, publicada na década de 1960, considera que a infância começa a ser validada como categoria social com características próprias, tanto na vida pública como na privada, a partir da Idade Média. Porém, os autores também ressaltam que essa abordagem de Ariès tem passado por revisões que permitem maior compreensão da construção de uma visão moderno-contemporânea da infância, como no trabalho de Heywood (2004), que se vale de fontes e métodos de análise diferentes dos de Ariès para se contrapor à ideia de não existir a infância antes da modernidade.

Porém, o que não se pode deixar de negar é que, a partir da modernidade, a infância ganhou destaque, passando a ser objeto de estudos e reflexões filosóficas, científicas e educacionais, e que produziu um grande debate sobre essa questão.

Como uma das possibilidades de reflexão sobre a infância, verificamos na obra de Walter Benjamin, a partir da sua busca de uma nova relação entre o passado e o presente, que o autor procura romper a orientação historicista do conceito de história linear, marcado por etapas que se superam continuamente, contrapondo-se a uma leitura contemplativa do passado, por meio de uma atitude negativa diante das cisões que são feitas entre "o passado e o presente, entre a natureza e a sociedade, entre a cultura no presente e o passado da vida humana, entre as obras elaboradas no passado e sua transmissão-recepção no presente" (ASSIS; CORDEIRO, 2013, p. 192).

Nessa perspectiva, no início de sua obra *O anjo da história*, Walter Benjamin (2012, p. 11) apresenta o seguinte posicionamento com relação à história:

Articular historicamente o passado não significa "reconhecê-lo tal como foi". Significa apoderarmo-nos de uma recordação (Erinnerung) quando ela surge como um clarão na hora do perigo. Ao materialismo histórico interessa-lhe fixar uma imagem do passado tal como ela surge, inesperadamente ao sujeito histórico no momento do perigo. O perigo ameaça tanto o corpo da tradição como aqueles que a recebem. Para ambos este perigo é apenas um: o de nos transformarmos em instrumentos de classes dominantes.

Nesse seu posicionamento, Benjamin nos incita a desvelar novos sentidos presentes nos fatos históricos como uma forma de resistência aos discursos hegemônicos historicamente construídos. Nesse sentido, Ferreira (2015, p. 398) aponta que a problematização da infância por Benjamin, ao negar a infância como apenas uma etapa da vida e uma experiência esvaziada de um sentido histórico, permitiu ao autor apresentar um olhar crítico da infância objetificada pela pedagogia moderna e expor como esta fraturou a experiência infantil em duas partes complementares: uma delas subordinada ao saber psicológico, que define a natureza da infância, e a outra se encontra sob o jugo de "projetos educacionais de massa, que buscam formar o cidadão, garantir a moralização dos costumes e a capacitação para o trabalho".

Podemos encontrar alguns elementos dessa crítica de Benjamin (1987), ao abordar a produção literária e de brinquedos direcionados à criança de sua época, no texto "Livros infantis antigos e esquecidos". Nesse ensaio, podemos notar elementos dessa sua crítica, como no trecho a seguir:

Pois é de um preconceito inteiramente moderno. [...] Trata-se de que crianças são seres tão distantes e incomensuráveis que é preciso ser especialmente inventivo na produção do entretenimento delas. [...] desde o iluminismo é esta uma das mais rançosas especulações do pedagogo. Em sua unilateralidade, ele não vê que a Terra está repleta dos mais puros e infalsificáveis objetos da atenção infantil. E objetos dos mais específicos. E que crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a situação sobre as coisas se processa de maneira visível (BENJAMIN, 2011, p. 57).

Podemos notar como Benjamin se posiciona contrariamente a um olhar preconcebido e como esse olhar impede de ver a criança na sua maneira própria de ser e de se relacionar com o mundo que a circunda.

Outro momento em que Benjamin (1987) revela essa abordagem sobre a infância é no texto "Brinquedos e brincadeiras: observações marginais sobre uma obra monumental". Nesse trabalho, Benjamin aborda a obra de Karl Gröber, *Brinquedos infantis de velhos tempos*, de 1928, que considera ser, para além do seu caráter documental, uma grande contribuição para a história do brinquedo. Esse trabalho lhe oferece a matéria-prima para algumas de suas reflexões sobre o brinquedo e o brincar infantil.

Nesse sentido, Benjamin aponta que a percepção infantil é impregnada por vestígios da geração mais velha com a qual vive, e, dessa forma, o brinquedo é um confronto entre dois mundos: o do adulto e o da criança. Nesse confronto, Benjamin aponta que existe um equívoco em se supor que são as crianças que determinam todos os brinquedos e que o seu querer por um determinado brinquedo está direcionado à sua percepção do mundo dos adultos. Para Benjamin, a obra de Gröber (1928) permite mostrar que o brinquedo é condicionado tanto pela cultura econômica como pela cultura técnica da coletividade.

Nesse contexto, Benjamin ressalta que também o brincar tem sido focado de uma forma reducionista e em excesso pela perspectiva do adulto, propondo a necessidade de se dar maior atenção ao que denomina "teoria gestáltica dos gestos lúdicos" (BENJAMIN, 2011, p. 100).

Para Benjamin, para uma maior compreensão da infância, é necessário que nos apropriemos inicialmente das formas primordiais do gesto lúdico, que residem no que denomina "ritmos primordiais" e que se manifestam nos jogos mais simples, por meio da manipulação pela criança de objetos inanimados e que se constitui uma das primeiras formas de tomada de consciência dela consigo mesma, para só então se investigar a grande lei, que para Benjamin rege todos os jogos, que é a repetição. Ou, nas palavras de Benjamin (2011, p. 101):

Sabemos que, para a criança, ela é a alma do jogo; que nada a torna mais feliz do que "o mais uma vez". [...] E de fato toda e qualquer experiência mais profunda deseja insaciavelmente, até o final de todas as coisas, a repetição e retorno, restabelecimento da situação primordial da qual ela tomou o impulso inicial.

Nessa perspectiva, o autor ressalta que esse impulso de a criança vivenciar a experiência inúmeras vezes é uma característica de seu processo criador, pois, à medida que repete o fato vivido, a criança recria para si a experiência vivida. Dessa forma, para Benjamin (2011, p. 102): "A essência do brincar não é um 'fazer como', mas um fazer sempre de novo", transformação da experiência mais comovente em hábito.

Podemos notar quão vital é para Benjamin apreender as dimensões do universo infantil de uma forma viva, pulsante, próximo da natureza da criança, em detrimento de um olhar distanciado e fragmentador.

Sanches (2017) complementa essa questão e ressalta que para Benjamin é essa integração entre o mundo interno e o externo, do que é real e do que é imaginário, que permite que se crie um caminho em que as experiências sensoriais da criança se transformem, paulatinamente, em uma experiência formativa. Nessa perspectiva, encontramos, em "Livros infantis antigos e esquecidos" (BENJAMIN, 1987), um exemplo de como o autor apresenta essa experiência sensorial formativa, ao descrever algumas ilustrações de livros infantis produzidos entre as décadas de 1840 e 1860.

A imagem colorida faz a fantasia infantil mergulhar, sonhadoramente em si mesmo. A gravura em preto em branco, a reprodução sóbria e prosaica, levam-na a sair de si. A imperiosa exigência de descrever, contida nestas imagens estimula na criança a palavra. Mas assim como ela descreve com palavras estas imagens, ela escreve nelas. Ela penetra nas imagens. Sua superfície não é, como a gravura colorida [...] ela tem um caráter meramente alusivo e admite a cooperação da criança. A criança redige dentro da imagem. Por isso ela não se limita a *descrever* as imagens: ela as escreve, no sentido mais literal. Ela as rabisca. Graças a elas, aprende, ao mesmo tempo, a linguagem oral e escrita: os hieróglifos (BENJAMIN, 1987, p. 241-242).

Nesse sentido, podemos notar como Benjamin descreve a rica experiência infantil, de integrar a experiência simbólica mediada pela linguagem, e desvela o impressionante universo de possibilidades que se encerra na exploração do mundo pela criança.

Essa forma única de a criança perceber e se relacionar com seu mundo circundante, descrita por Benjamin, é abordada por Fichtner (2010), que ressalta que Benjamin tematiza, várias vezes nas suas obras, o gesto infantil como representação simbólica do novo que aparece na sociedade, como também indica a perda dessa capacidade pelo adulto.

Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção do trabalho do jardim. [...] Nesses produtos residuais eles reconhecem o rosto que do mundo das coisas volta exatamente para elas. Neles estão menos empenhados em reproduzir as obras dos adultos do que estabelecer uma relação nova e incoerente com esses restos e materiais residuais (BENJAMIN, 2011, p. 57).

Nesse sentido, Fichtner (2010) ressalta que é na experiência do brincar e do jogar, na expressão mimética e lúdica, que surge um novo elemento que é oposto e contrário ao comportamento do adulto, mantendo vivo algo que se perdeu na história e que Benjamin descreve como a crise da experiência.

PROGRAMA DE UM TEATRO INFANTIL PROLETÁRIO

O ensaio de Benjamin (2011) "Programa de um teatro infantil proletário" permaneceu inédito durante sua vida, tendo sido escrito para Asja Lacis, criadora de uma companhia de teatro infantil em 1918, sob o comunismo de guerra na cidade de Orel, na Rússia.

Em 1928, Asja Lacis, agora na Alemanha, pretendia dar continuidade ao seu trabalho de teatro infantil em Berlim, na casa Liebknecht. Diante de sua necessidade de elaborar um programa, Walter Benjamin se prontifica a escrevê-lo, fundamentando teoricamente o trabalho desenvolvido por Asja Lacis em Orel.

Asja considerou as teses de Benjamin muito complicadas e pediu-lhe que as reescrevesse de uma forma mais compreensível. Benjamin atende ao pedido, e essa é a versão que se conservou até nossos dias. Benjamin (2011) inicia sua abordagem apresentando uma problematização acerca de uma educação proletária e, para tal, apresenta como contraponto a educação burguesa das crianças.

Nesse sentido, Benjamin critica a estrutura da educação infantil, até os 4 anos de idade, que considera excessivamente centrada na técnica: seja por meio da sistematização de conteúdo, seja na utilização de métodos pedagógicos que estão em constante mudança. Diante desse quadro, Benjamin (2011, p. 113) afirma: "Uma educação proletária necessita, portanto, sob todos os aspectos, primeiramente de um contexto, um terreno objetivo no qual se educa. Não necessita, como a burguesia, de uma ideia para a qual se educa".

Dando continuidade a esse pensamento, Benjamin aborda a educação proletária a partir de duas questões que considera fundamentais na educação da criança: "A educação da criança exige: deve-se abranger toda a sua vida. A educação proletária exige: deve-se educar em um terreno delimitado" (BENJAMIN, 2011, p. 113).

E é no teatro infantil proletário que Benjamin acredita que se pode ter uma educação dialeticamente determinada.

Nesse contexto, Fichtner (2010) ressalta que, no "Programa de um teatro infantil proletário", Benjamin desenvolve sistematicamente o conceito do gesto na prática do teatro infantil. O termo "proletariado" é usado por ele no sentido de "antiburguesa" ou, nas palavras do autor:

O caráter inumano da educação burguesa evidencia-se para ele no seu moralismo, na dominância de uma ideia e dos métodos como técnicas. Isso fica bem claro pelo fato que estes fracassam em relação à infância mais nova. [...] Em lugar dos métodos pedagógicos, Benjamin coloca a observação como base da pedagogia e somente aqui começa, para ele, a educação (FICHTNER, 2010, p. 26).

Nesse sentido, é na proposta do teatro infantil proletário que Benjamin salienta a importância do gesto no processo educativo. Assim, transpõe o gesto lúdico das brincadeiras infantis para o gesto presente na interpretação, porém este último vai sendo consolidado pela experiência prática vivenciada ao longo de diversas oficinas que são propostas, tais como as oficinas plásticas, de dança e de música.

Nesse percurso, a improvisação seria seu elemento central: em todas as oficinas propostas, a improvisação permanece como central, pois, em última instância, a encenação é apenas a síntese improvisada de todas. A improvisação predomina; ela é a constituição da qual emergem os sinais, os gestos sinalizadores, ou, como ressalta Benjamin (2011, p. 116): "É a encenação ou teatro deve, justamente por isso, ser a síntese desses gestos, pois tão somente a encenação manifesta de maneira inesperada e única, e o gesto infantil tem nela, portanto, o seu autêntico espaço".

Nessa perspectiva, o autor ressalta que essa forma de interpretação improvisada se opõe às exigências direcionadas à mensuração de um desempenho artístico padronizado. Para o autor, é na efemeridade, no instante do gesto infantil, que encontramos a superioridade da pedagogia proletária, "ao garantir que as crianças realizem sua infância" (BENJAMIN, 2011, p. 118).

Nessa perspectiva, Fichtner (2010, p. 27) ressalta:

Em lugar dos métodos pedagógicos, Benjamin coloca a observação como base da pedagogia. A observação como enfoque nega qualquer hábito de um educador como "personalidade moral", nega qualquer "influência moral".

Nesse enfoque, podemos notar como Benjamin procura se voltar para o universo próprio da criança, com um olhar atento para a capacidade da criança de ressignificar o mundo circundante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos neste breve trabalho apreender um pouco da intensa busca de Benjamin para adentrar o universo da criança, na sua maneira própria de perceber o mundo que a cerca e interagir com ele, e, para tal, o autor nos convida a sair da posição de detentores de um saber teorizado, preconcebido acerca da criança, para acompanhá-la nas suas explorações, e nos permitir, tal qual a criança faz, ressignificar a própria experiência e o conhecimento de mundo.

Num segundo momento, Benjamin chama nossa atenção para o gesto infantil, como elemento vital, revelador, e que pode ser apreendido pelo adulto, a partir de uma observação mais atenta, mais sensível.

Acreditamos que esses dois caminhos apontados por Walter Benjamin podem auxiliar o educador a ampliar seu olhar e o seu conhecimento sobre a criança que está ao seu lado, convidando-nos a refletir sobre a prática educativa e a interação do adulto com o universo infantil.

Some notes on childhood culture in Walter Benjamin

Abstract: The present work is the result of studies carried out in the course "Walter Benjamin – Experience, Mediation for New Technologies and Emergence of the New", given by Prof. Dr. Bernd Fichtner – Siegen University (Germany), and organized by Gepeps from Mackenzie University. The authors focused on Walter Benjamin's approach and perception of the "culture of the child", before the "culture of the adult", as a way to think about a more humanized educational process and more focused on the observation of the child. It was possible to apprehend Walter Benjamin's search to enter the universe of the child, and for this, the author invites us to leave the position of holding a theorized knowledge and to accompany him in his explorations.

Keywords: Childhood culture. Walter Benjamin. Social psychology. Educator training. Mediation.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ASSIS, R. J. S.; CORDEIRO, V. D. A teoria da história em Walter Benjamin: uma construção entre "História e colecionismo: Eduard Fuchs" e as "Teses sobre o conceito de história". *Revista de Teoria da História*, v. 10, n. 2, p. 185-207, 2013.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2011.

BENJAMIN, W. *O anjo da história*. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FERREIRA, M. Por uma concepção crítica de infância. *Psicologia & Sociedade*, v. 27, n. 2, p. 394-403, 2015.

FICHTNER, B. O surgimento do novo nos gestos das crianças: um "diálogo impossível" entre Benjamin e Vigotski. *Poiesis Pedagógica*, v. 8, n. 2, p. 18-32, ago./dez. 2010.

GRÖBER, K. *Kinderspielzeug Aus Alter Zeit. Eine Geshichte des Spielzeugs*. Berlim: Deutscher Kunstverlat, 1928.

HEYWOOD, C. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, S. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. *Revista Teias*, v. 1, n. 2, p. 14, 2000.

SANCHES E. O. As infâncias de Benjamin, uma possibilidade de experiência com o moderno. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 405-420, jan./abr. 2017.

Recebido em agosto de 2020.

Aprovado em novembro de 2020.